

AMÉRICO DE CAMPOS (1875-1894)
FRANCISCO RANGEL PESTANA (1875-1900)
JULIO MESQUITA (1885-1927)
JULIO DE MESQUITA FILHO (1915-1969)
FRANCISCO MESQUITA (1915-1969)

LUIZ CARLOS MESQUITA (1952-1970)
JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1988)
JULIO DE MESQUITA NETO (1949-1996)
LUIZ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1997)
RUY MESQUITA (1947-2013)

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
ROBERTO CRISTIANI MESQUITA
MEMBROS
FRANCISCO MESQUITA NETO
JULIO CESAR MESQUITA
LUIZ CARLOS ALENCAR
RODRIGO LARA MESQUITA

DIRETOR PRESIDENTE
FRANCISCO MESQUITA NETO
DIRETOR DE JORNALISMO
EURÍPEDES ALCANTARA
DIRETOR DE OPINIÃO
MARCOS GUTERMAN

DIRETORA JURÍDICA
MARILANA UEMURA SAMPAIO
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE
PAULO BOTELHO PESSOA
DIRETOR FINANCEIRO
SÉRGIO MALSUEIRO MOREIRA

NOTAS E INFORMAÇÕES

O liberalismo sob seu maior teste de estresse



Uma renhida disputa entre a ordem liberal e o autoritarismo está sendo travada no mundo. Lula da Silva não deveria ter a mais tênue dúvida de que lado posicionar o País nessa contenda

O apelo eleitoral do populismo de viés autoritário, que nega ou enfraquece a política como meio civilizado de concetuação entre interesses sociais divergentes, tem crescido significativamente nos últimos anos. O fenômeno não conhece fronteiras geográficas nem barreiras culturais, sendo observado em países de marcadas distinções históricas, políticas, sociais e econômicas entre si, como Brasil, Índia, Argentina e El Salvador, por exemplo, ou ainda Hungria e Estados Unidos – que neste ano po-

de levar de volta à Casa Branca um picareta mendaz como Donald Trump, talvez a face mais reconhecível dessa nova horda de inimigos da democracia.

Para tornar o cenário geopolítico global ainda mais sombrio, o ganho de força desses novos populistas autoritários – além da consolidação de regimes de exceção como os da China, Irã e Coreia do Norte, classificados pela revista *Foreign Affairs* como o “Eixo da Revolta”, que fortalecem a Rússia do tirano Vladimir Putin para confrontar abertamente os valores ocidentais –

vincula-se ao agravamento da crise de representação por que passa a ordem liberal democrática consagrada ao final da 2.ª Guerra.

Essa dicotomia foi bem resumida no que David Brooks, articulista do jornal *The New York Times*, classificou como “a luta central do planeta” hoje: uma renhida disputa entre o liberalismo e o autoritarismo, “entre quem acredita nos valores democráticos e os que não acreditam”, como o autor escreveu, há poucos dias, em texto reproduzido pelo *Estadão* (*A luta central no mundo de hoje é entre liberalismo e autoritarismo. Os autoritários estão ganhando*, 20/5/2024).

Não seria exagero dizer que o liberalismo está sob seu maior teste de estresse desde ao menos o fim da guerra fria, há mais de três décadas. Alguns acadêmicos, jornalistas e analistas internacionais chegam a sublinhar que a ordem liberal, que tanta prosperidade gerou para o mundo nos últimos 80 anos, jamais passou por uma crise como a que ora atravessa. O modelo de representação política e desenvolvimento econômico tem sido contestado justamente naquilo que é o seu grande diferencial em relação aos regimes autoritários: a capacidade de conciliar a garantia política das liberdades individuais com a geração de bem-estar social e econômico para todos, reduzindo as desigualdades.

Uma pesquisa realizada em 24 países pelo Pew Research Center em 2023, publicada em fevereiro deste ano, revelou que a democracia representativa ainda figura no imaginário popular como o “modelo ideal” de or-

ganização política de uma sociedade. Contudo, o entusiasmo com esse modelo tem caído desde 2017. Por outro lado, os diagnósticos feitos pelo instituto devem ser vistos como um farol a iluminar a construção de saídas para essa decepção com a democracia liberal. O Pew constatou que, em média, 59% dos entrevistados não se sentem contemplados pelo progresso que a ordem liberal, em tese, deveria proporcionar. Para 74%, os políticos eleitos não são empáticos, como se vissem alheios aos interesses da sociedade. Por fim, 42% disseram não encontrar em seus países partidos que representem suas visões de mundo e ideias para construção de agendas programáticas.

Como se vê, esse misto de frustração e desesperança – húmus do qual brotam os aventureiros que enumeram entre os ingredientes de suas receitas falaciosas o cerceamento das liberdades democráticas – pode ser superado com maior grau de aproximação das agremiações políticas com os eleitores. Em particular, de políticos genuinamente comprometidos com os valores democráticos nesse momento em que o liberalismo é atacado como ideia, como o grande norte moral para o progresso da humanidade.

Para ser fiel aos valores que constituíram esta nação, o presidente Lula da Silva não deveria ter qualquer dúvida sobre de que lado posicionar o País nessa “luta central”. Porém, recalitrante em se libertar do ranço ideológico anti-EUA, o petista tem demonstrado que, entre os interesses nacionais e a visão de mundo do PT, sua escolha foi feita. ●

O potencial de crescimento do Nordeste

Bons projetos e marcos regulatórios são suficientes para atrair investimentos da iniciativa privada para a região, além de mais efetivos que subsídios e políticas de desenvolvimento regional

Um estudo realizado pela consultoria Tendências projeta que a economia da Região Nordeste deve crescer 3,4% ao ano entre os anos de 2026 e 2034, mais que a média nacional de 2,5% prevista para o período. A notícia se deve a uma estimativa de investimentos da ordem de R\$ 750 bilhões nos próximos anos, segundo o *Estadão*.

A maioria diz respeito a investimentos no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Parte será viabilizada por meio de concessões e parcerias público-privadas (PPPs). Há investimentos relevantes em gás natural, petróleo, energia e aeroportos, bem como privatizações de estatais na área de saneamento. A indústria automotiva também deve impulsionar a região, se-

gundo a consultoria.

São perspectivas interessantes, mas que dependem de muitas circunstâncias para se tornarem realidade, entre as quais melhorias na execução de obras públicas. Basta lembrar que alguns dos empreendimentos do novo PAC já integraram edições anteriores do programa e, por uma série de problemas, permanecem inacabados até hoje. É o caso da Refinaria Abreu e Lima e da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol), prometidas, respectivamente, no primeiro e no segundo mandatos do petista Lula da Silva.

Abreu e Lima e a Fiol são exemplos célebres, mas não únicos. Há uma miríade de obras públicas abandonadas em razão de projetos mal elaborados em todo o País. No fim do ano passado, o Nordeste, em particular, concentrava a maioria das obras canceladas, inacabadas e

paralisadas com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), segundo relatório do Tribunal de Contas da União (TCU). Milhares de escolas, creches e quadras esportivas jamais saíram do papel.

Em vez de contribuir para uma solução definitiva para um problema estrutural, ou seja, assessorar os municípios para evitar desperdícios, o governo federal preferiu agradar aos prefeitos e ao Congresso em ano eleitoral. O pacote, anunciado durante a Marcha dos Prefeitos, na semana passada, acelera o repasse de recursos e reduz o controle sobre o dinheiro.

Hoje, o envio é gradual e está atrelado ao cumprimento de etapas. O novo modelo, segundo o *Estadão*, permite o envio da verba de uma só vez, antes do início das obras e sem análise prévia dos projetos apresentados, o que amplia o risco de desvios e a chance de as obras ficarem pelo caminho, segundo especialistas consultados pelo jornal.

Felizmente, parte relevante do crescimento do Nordeste se dará por meio de investimentos privados. Depois da PPP no Ceará, estão previstas concessões de saneamento em Pernambuco, Maranhão e Piauí, com investimentos estimados em R\$ 24,8 bilhões, R\$ 19 bilhões e R\$ 9,9 bilhões, respectivamente, prova do sucesso do marco do saneamento.

Investimentos em energias renováveis confirmam a vocação do Nordeste há anos. São R\$ 21 bilhões previstos em

parques eólicos já em construção e R\$ 60 bilhões em energia solar, somando projetos de geração distribuída e centralizada, segundo associações que representam o setor.

Até mesmo a indústria automotiva anunciou investimentos planejados na região. Neste caso, no entanto, são empreendimentos atrelados a benefícios fiscais vultosos. São escolhas que refletem as preferências dos gestores públicos, cujos resultados nem sempre compõem o gasto tributário.

Crescer não é o suficiente. Entre 2002 e 2020, os Estados do Nordeste cresceram mais do que a média nacional, mas o desempenho não diminuiu uma defasagem histórica em termos de renda per capita ante o restante do País.

Nesse sentido, a região seria favorecida por uma divisão mais justa dos recursos do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), que priorizasse municípios médios e suas periferias, segundo o economista Marcos Mendes. Mais anos de escolaridade e uma educação pública de melhor qualidade também fariam a renda per capita aumentar.

Os Estados do Nordeste têm muito potencial econômico. Projetos robustos e marcos regulatórios bem-feitos são mais do que suficientes para atrair investimentos da iniciativa privada, além de mais efetivos que subsídios e políticas de desenvolvimento regional. ●